

**A história midiaticizada:
os desafios colocados por um novo idioma histórico entre a mídia, a memória e a
história**

Sônia Meneses

Docente Universidade Regional do Cariri-URCA,
doutoranda em história pela Universidade
Federal Fluminense-UFF.
end. eletrônico: sonia.menese@gmail.com

Ao pensarmos a história na contemporaneidade somos levados a considerar a interferência dos meios de comunicação, tanto na acelerada produção de eventos, como na elaboração de artefatos e sentidos históricos. Talvez possamos dizer que assistimos a uma espécie de neo-metodismo histórico que nos remete aos princípios fundamentais da escola metódica do século XIX. Embora devamos ressaltar uma diferença fundamental entre ambos: se para os metódicos o passado era o dado morto e o presente o tempo da não-história, para mídia, ocorre o oposto: o passado é o suporte vivo de interpretação para o presente e este por sua vez, é o lugar próprio da fabulação da história; o tempo do “fazer a história”.

Portanto, há que se questionar em que essa produção se diferencia efetivamente da escrita historiográfica e em que medida pode influenciá-la e talvez ainda considerar que vivemos um momento de hipertrofia de imaginação histórica, cuja elaboração na mídia suporta uma tripla fabricação sobre o passado: o evento, compreendido em seu caráter teórico-pragmático, ou seja, sua escritura na cena pública; a produção de materialidade nos rastros que se tornarão objetos de investigação história e o trabalho monumentalização do evento em de narrativas de retrospectão que o recolocam na cena pública.

A mudança de sensibilidade sobre as relações com o passado, presente e futuro ganhou novos contornos nessa configuração, sobretudo, quando o ocidente viu emergir, em diversos países, a tentativa de monumentalização do presente, agora saturado pelos rastros de um passado cada vez mais marcante no cotidiano. Se, como afirmou Koselleck (2002), antes o presente carregava um forte potencial de futuridade,

amparado por uma tradição filosófica e religiosa de caráter teleológico, no século XXI assistimos a um presente carregado pela intenção de preservação obsessiva do passado.

Essa reordenação sobre os códigos de significação temporal remete aquilo que Nietzsche chamara atenção no século XIX, quando advertia sobre o os riscos de excesso de passado no presente. Para ele, “a história pensada como ciência pura e tornada soberana seria uma espécie encerramento e balanço da vida para a humanidade” (NIETZSCHE; 1991, 24). Erradicava a vida, porque lhe interessava apenas o passado morto, tornado conhecimento enciclopédico que desenraizava e ordenava memórias para que, posteriormente, fossem consumidas “sem fome e mesmo contra a necessidade” perdendo seu caráter transformador.

Nietzsche se referia, sobretudo, à intenção historicizante de seu próprio tempo, considerado momento capital na estruturação do campo científico da história. Ao se interrogar sobre “até que grau a vida precisa em geral dos serviços da história”, lançava um olhar crítico para uma sociedade na qual o conhecimento histórico jorrava “de fontes inexauríveis, sempre novo e cada vez mais” fazendo com que o estranho, o estrangeiro e o desconexo entre si se aglomerassem em uma intenção universalizante, condenando ao homem moderno “ a arrastar consigo, por toda a parte uma quantidade descomunal de indigestas pedras de saber”. (Idem: 26)

Mas, se aos olhos do filósofo o excesso da ciência histórica e suas pretensões de domesticação do passado causavam incomodo, o que dizer da produção desenfreada de memória nos dias de hoje que interfere de maneira contundente na formulação de sentidos históricos? O final do século XX assistiu ao desenvolvimento de uma consciência histórica difusa, reticular que segue engendrando uma complexa construção de significados incessantemente renovados. Estabeleceram-se formas de experiência que modificaram drástica e rapidamente as percepções sobre o tempo e o espaço, o que pode ser percebido em uma crescente musealização no cotidiano, termo utilizado pelo filósofo alemão, Hermann Lübbe em princípio dos anos 80, para destacar o deslocamento da sensibilidade temporal.

A proliferação de museus em vários países, os gigantescos projetos de restauração de cidades, bairros, a defesa da preservação dos centros históricos e a construção de monumentos e efemérides se apresentam como o paradoxo aparente em uma época que se divide entre a manutenção do passado e o medo da obsolescência.

Tal dilema é estimulado pelos incessantes avanços tecnológicos que tornam ultrapassadas as mais espetaculares descobertas em questão de meses, bem como pelas ansiedades decorrentes da fluidez das relações humanas e a quebra dos tradicionais laços subjetivos e identitários. Conforme chamou atenção Remo Bodei (2004; 15), “o desejo de usufruir imediatamente como dádivas únicas do amor, da amizade, do prazer ou do bem estar” nos colocou em um estado de alerta ininterrupto em espaços nos quais a velocidade, que impõe um presente contínuo, importa mais que a duração. Situação que explica, em parte, o sucesso e a proliferação gigantesca indústria de manuais de auto-ajuda, sites de relacionamentos, conselheiros sentimentais, agências de casamento e de amizades, tão próprios deste tempo

Em termos de escrita da história, todo o fazer historiográfico do século XX foi uma luta para demonstrá-la como uma prática social na qual estão, poderosamente, envolvidos uma série de elementos que influenciam no resultado final de uma obra, como afirmou Certeau (2002). Desvendar a constituições de não-ditos no trabalho historiográfico foi essencial para se compreender como se dá a construção do conhecimento histórico.

Contudo, o século XX trouxe um elemento problematizador a esta discussão: a produção da informação em larga escala. O que acabou sendo capital para a mudança de perspectivas que as pessoas tinham e passaram a ter sobre o real. O olhar sobre nossa historicidade se modificou, assim como os significados dos acontecimentos, antes sequer conhecidos por uma coletividade mais ampla.

Tais questões nos parecem bastante relevantes, uma vez que a circulação e a produção de conhecimento efetivada pelos recursos midiáticos parecem ter alterado relações quase seculares do homem com o tempo. Para pensarmos sobre tais elementos, tomemos como ponto de partida a citação abaixo, do historiador Eric Hobsbawm:

Para este autor, o dia 30 de janeiro de 1933 não é simplesmente a data, à parte isso arbitrária, em que Hitler se tornou chanceler da Alemanha, mas também uma tarde de inverno em Berlim, quando um jovem de quinze anos e sua irmã mais nova voltavam para casa, em Halensee, de suas escolas vizinhas em Wilmersdorf, e em algum ponto do trajeto viram a manchete. Ainda posso vê-la, como num sonho. (HOBSBAWM, 1996:14)

Esta lembrança evocada por Hobsbawm, no início do livro *A Era dos Extremos*, evidencia elementos bastante representativos sobre a constituição de um tipo de cultura histórica bastante singular efetivada no século XX: aquela que se propaga através dos *medias*. Nesse caso, compreendemo-la como arcabouço cultural humano segundo o qual ordenamos formas de compreensão e explicações sobre tempo e os eventos. Nesse sentido, vislumbramos nessa breve citação, alguns pontos que serão fundamentais na reflexão dessas questões.

Primeiro, referencia um acontecimento considerado limite para muitos historiadores no século XX: a ascensão de Hitler ao poder e, apesar de não citado, remete-nos também ao posterior Holocausto nazista, evento que colocou na berlinda muitas reflexões sobre os fatos históricos nesse século. Segundo, demonstra-nos o olhar retrospectivo do historiador sobre o evento citado estabelecendo uma linha temporal que articula o passado “re-presentado” ou rerepresentado no presente através da memória, exercício que articula informações afetivas e pessoais.

No primeiro e no segundo caso, destacam-se dois importantes aspectos daquilo que Rüsen (2001) define como consciência histórica: um que se estabelece em uma narrativa claramente ligada aos lineamentos conceituais e teóricos do historiador e o outro assentado na experiência, na memória. Embora, possam se constituir em narrativas diferenciadas, é provável que possamos compreendê-las como “operações elementares e gerais da consciência histórica humana” (*idem*). Entretanto, há ainda um último elemento componente da citação. O evento mencionado é “presenciado” pelo historiador mediado por um mecanismo midiático no momento de sua produção: a manchete de um jornal.

Nesse amálgama de referenciais e representações se evidenciam questões capitais para a compreensão de sentidos históricos e, conseqüentemente, da escrita da história no século XX. Esta constatação inicial impõe o desafio de refletirmos os usos do passado na contemporaneidade, assim como, de uma provável estruturação de novas práticas de ritualização da memória e do esquecimento, como afirma Catroga (2001: 66) “talvez se esteja a assistir (...) ao aparecimento, ainda que pouco perceptível, de novos ritos e de novas formas de socialização da memória.”

Isso nos remete a uma pergunta capital feita pelo historiador Michael de Certeau: “o que fabrica o historiador quando faz História?” Pergunta complexa e de difícil resposta. Para respondê-la, o autor nos demonstrou que toda obra historiográfica deve ser percebida a partir de um lugar de produção. A partir de um conjunto de conformações sociais, que vão desde a institucionalização do campo da história às corriqueiras inquietações e problemáticas questões com as quais o historiador se depara em seu trabalho com os registros históricos. A produção historiográfica se estabelece nas “relações entre as construções da história e seu face a face, a saber, um passado ao mesmo tempo abolido e preservado em seus rastros”(RICOEUR, 1997: 175).

Necessário ressaltar que esse rastro do passado só se torna fonte a partir do momento em que o historiador o interroga e questiona, tanto em seu conteúdo como em seus elementos formadores de sentido. Se a produção historiográfica deve ser percebida a partir de um jogo complexo de conjunções e conformações que modelam e submetem o texto, a produção midiática também. Aliado a tudo isso houve, segundo Bédarida (1996: 219), a partir dos anos 70 houve um “retorno vigoroso da história e da memória, uma busca ansiosa de identidade, a crise dos paradigmas das ciências sociais, enfim, um presente cheio de incertezas em relação a si mesmo.”

Entretanto, “o papel decisivo dos meios de comunicação na transcrição, na representação e até na produção do acontecimento” (RIOUX, 1999: 122) recolocou antigos problemas que pareciam ter sido superados com a profusão do movimento dos Annales e das vigorosas questões colocadas à história no século XX, exemplo disso, como afirma Bédarida, foi a própria discussão entre objetividade e subjetividade na produção do conhecimento histórico. O autor reflete sobre a produção de uma nova abordagem histórica: o tempo presente.

A ação dos meios de comunicação, nas últimas décadas do século XX, influenciou poderosamente nossas maneiras de apropriação e percepção do real. Demonstrou-nos que há uma produção de conhecimento histórico fora do próprio campo científico da história e que parece influenciá-lo de maneira desconcertante.

Os fatos, apresentados como históricos, são colocados ao historiador a partir de uma exterioridade desvinculada dos percursos epistemológicos e metodológicos do

fazer historiográfico. Não é por acaso que proliferam obras históricas elaboradas por não historiadores. Jornalistas, sociólogos, advogados passeiam pelos campos da história embalados pelo furor da produção de fontes; outra característica desse momento pois nunca foi tão abundante a produção de registros. É o vivido que se impõe à escrita da história. Um presente que quer se tornar histórico em seu próprio tempo, uma vez que o imediato é quase alçado à categoria de história no momento de sua constituição.

Esse evento tem a contribuição da mídia em um duplo sentido: primeiro porque divulga representações sobre a história quase sempre aproximadas à tradição *Magister Vitae*, a mestra da vida propagadora de lições para o presente. Segundo, porque esta busca desenfreada por novas informações, contraditoriamente, parece ter produzido um afastamento cada vez maior do passado, o que talvez justificasse essa sede de história.

Outra questão a ser refletida é que tais acontecimentos se estruturam tendo em vista a formação de uma opinião pública. Lembremos os efeitos das pesquisas de opinião tão comuns em nossas sociedades. O conceito de opinião pública e a construção de uma “esfera pública” trazem como consequência imediata a formação de comunidades de consumidores de produtos simbólicos.

Os acontecimentos vinculados pelos meios de comunicação são também práticas discursivas e narrativas que modelam e representam a realidade sob um dado olhar. Porém, a forma sob a qual estes elementos são apresentados, ou melhor dizendo, representados, interpretados, analisados e julgados está ligada ao tipo de narrativa ou explicação construída sobre eles. Nestes termos, a elaboração de um discurso sobre um fato é, em si, a tentativa de construção de significados, em um contexto que parece ter perdido o próprio sentido da História como afirma Bodei (2001).

O surgimento da imprensa no século XVII, e sua popularização no século XIX, foi um evento significativo para a divulgação de idéias, porque trouxe um novo tipo de informação ao criar uma regularidade de publicações uma vez que, como afirmam Burke e Briggs (2002; 95), já no século XVII, “ao contrário do panfleto, apareciam em intervalos regulares, normalmente uma ou duas vezes por semana; costumavam ter edições numeradas, de modo que os leitores podiam saber se tinham perdido algum exemplar”. Tal elemento introduzia no cotidiano dessas sociedades

não somente uma nova distribuição de informação, mas alterava noções de temporalidade e espacialidade.

Com a construção de uma esfera pública e a conseqüente formação de comunidades de consumidores de bens culturais, elaboram-se campos específicos para a produção simbólica, sendo o próprio jornalismo um desses campos (BOURDIEU: 1992). A percepção de que havia um público a ser atingido, tornou-se fundamental na abrangência das mídias modernas, sobretudo, naquilo que Bourdieu define como mercantilização das formas simbólicas.

Esta esfera pública servia à difusão de informações políticas, atitudes e valores compartilhados em determinadas classes ou grupos sociais e, em torno dela, estabelecia-se um constante espaço de disputa, de lutas simbólicas (BOURDIEU: 2003) entre grupos que concorriam pelo controle de informações.

Pierre Nora (1995) destaca que o acontecimento emerge amparado por uma grande rede de sistemas de comunicação, que coloca em evidência algo muito parecido com o ideário do fato positivista. Este acontecimento midiático se apresenta como o evento indomável “porque a redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente o novo, alimenta uma fome de acontecimento” (idem).

É possível inferirmos que, ao trabalharem com categorias próprias da narrativa histórica, estes mecanismos podem interferir também no campo de produção historiográfica, pois os “intelectuais-jornalistas” (1997), ajudam a construir mecanismos que influenciam diretamente nos demais campos simbólicos, sejam eles, jurídicos, político, artístico ou intelectual.

Segundo Bourdieu (idem; 104,105), o campo jornalístico se constitui no século XIX, em torno da discussão entre notícia e opinião e, nesse sentido, esse era o “lugar de uma oposição de duas lógicas e dois princípios de legitimação”: “o reconhecimento pelos seus pares, concedido aos que reconhecem mais completamente os ‘valores’ ou princípios internos e o reconhecimento pela maioria”.

Deparamo-nos aqui com um universo de transformações que alteraram de maneira muito rápida nossas relações com o passado, a lembrança e o esquecimento. Cabe-nos inquiri como os elementos aqui apresentados formam o complexo amalgama

de um sentido histórico contemporâneo. A resposta a essa questão que, certamente ainda será dada e refeita um sem número de vezes, poderá nos servir para compreender nosso próprio tempo, tanto nos termos de pensamento do homem comum em sua relação com o passado, como da própria escrita da história. Aqui, achamos relevante mencionar uma pergunta posta por Remo Bodei(2004; 44): “por que se esquece ou se renega, repentinamente o próprio passado?”

A esta pergunta o autor enumera um conjunto de respostas o que já demonstra a própria complexidade de se pensar a história em nossos dias. Isto porque, ao pensá-la, temos que dá conta de um universo de dimensões bastante díspares que engloba desde elementos relacionados à memória, ensino da história, texto histórico, sentidos e sensações sobre o tempo. Em nosso caso específico propomos nos debruçar sobre um objeto que nos possibilitará visualizarmos parte desses elementos, sem deixamos de considerar sua própria especificidade, como mencionamos anteriormente.

Ao refletirmos sobre as relações entre história e mídia é possível identificarmos os elementos gerais da consciência histórica contemporânea procurando compreender, dessa forma, qual o lugar da mídia na construção de um sentido histórico, ao mesmo tempo como ela efetiva esses elementos nas notícias e informações vinculadas em suas narrativas. Por outro lado, entender como tais elementos podem se constituir em suportes de memória e esquecimento para a sociedade contemporânea. Como se articulam noções de verdade, ficção e objetividade na construção dos acontecimentos midiáticos e como estes são apropriados/criticados pela história? Em que medida a imprensa utiliza os suportes historiográficos na construção de suas notícias? Como tais suportes tornam-se elementos de uma memória histórica contemporânea a partir da narrativa midiática?

Para voltamos ao historiador Eric Hobsbawm, que citamos no começo, pensemos em uma de suas obras mais famosas: a coletânea de livros que sintetiza as quatro grandes eras da contemporaneidade: A Era das Revoluções, A Era do Capital, A Era dos Impérios e, por fim, A Era dos Extremos. Nos três primeiros, logo no de início é possível estabelecermos uma imediata relação de inteligibilidade sobre o que representa cada uma das Eras. Mas o último nos abre uma absoluta incerteza sobre o que caracterizaria esse século. Ao observamos suas capas percebemos que o autor procurou colocar uma imagem que também tornasse possível uma síntese visual de cada

momento. Contudo, a respeito do “breve século XX”, são-nos apresentada uma profusão de imagens que parecem não caber no pequeno espaço. Ao invés de quadros de pintores, como nos demais, vemos fotografias.

Apesar de não estarmos representados diretamente em nenhuma delas, todas nos são familiares, não somente a nós, historiadores, mas, muito provavelmente, a boa parte das pessoas que viveram esse século, como se tivéssemos feito parte de cada um desses eventos. Isso porque, foram insistentemente repetidas pelos meios de comunicação, tornando-se parte de nossa memória. Uma imagem pode, entretanto, senão sintetizar, ao menos estabelecer um elo de ligação entre elas: Na parte central da capa, vemos uma família em frente a um antigo aparelho de tv, como se assistisse o breve século passar a sua frente.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO/HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- BARBOSA, Marialva. *Como se escreve a história da imprensa?*. Florianópolis: Anais do II Enc. Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 15 a 17 de abril de 2004. Cap no site <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/index.htm>. 28/8/2004
- BODEI, Remo. *A História tem um Sentido?*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2001.
- _____. *Livro da Memória e da Esperança*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectivas, 1992.
- _____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BURKE, Peter & Briggs, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa* in A Escrita da História – novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Campinas, Revista Opinião Pública, vol VIII, no. 1, 2002.pp. 40-53.
- CATROGA, Fernando. *Memória e História* in PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHAUVEAU. A e TÉTARD. Ph. *Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.

- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do Tempo Presente: desafios*. Rev. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, No. 3, pp. 111 – 124, maio/junho, 2000.
- _____. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- _____. *História, tempo presente e história oral*. Rio de Janeiro, Topoi, dezembro de 2002, pp 314-332.
- HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.
- _____. *A Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- MALERBA, Jurandir. *A Velha História. Teoria, Método e Historiografia*. Campinas – São Paulo: Editora Papirus, 1996.
- _____. *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.
- NORA, Pierre & LE GOFF, Jacques *Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- NORA, Pierre. *O Retorno do Fato* in NORA & LÊ GOFF. *Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. *Entre Memória e História – a problemática dos lugares*. São Paulo, Rev. Projeto História/PUC vol. 10, 1993.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira – cultura Brasileira e Indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2001
- _____. *História e Teoria – Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Mídia e História: ambigüidades e paradoxos*. Cap. da Internet no end. <http://www.intercom.org.br/paper/xxi-cilgt23/gt2306.pdf>, em 03/09/05
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papirus Editora, 1997.
- RIOUX, J.-P. *Entre o Jornalismo e a História. in Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001.
- _____. *Historiografia Comparativa Intercultural* in MALERBA. *A História Escrita*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.